

## ENUNCIADO/ENUNCIÇÃO

COSTA, Dania Monteiro Vieira  
[dania\\_vieira@ig.com.br](mailto:дания_vieira@ig.com.br)

FREITAS, Sumika Soares de  
[sumikafreitas@oi.com.br](mailto:sumikafreitas@oi.com.br)

GOMES, Silvia Cunha  
 MIRANDA, Marina

*Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou.*

*(Mikhail Bakhtin)*

**Resumo:** O artigo discute como o termo enunciado é utilizado nas diferentes correntes da lingüística, tornando-o bastante polissêmico. Analisa também como Bakhtin apresenta o termo enunciado em alguns de seus textos e como esse autor caracteriza o enunciado, ou seja, que elementos constituem o enunciado na perspectiva bakhtiniana.

**Palavras-chave:** Linguagem, enunciado, enunciado concreto, enunciação, dialogismo.

### INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar como os conceitos enunciado/enunciação aparecem nas obras consultadas de Mikhail Bakhtin. Inicialmente, discutiremos como o termo enunciado é tratado nas diferentes perspectivas da lingüística para, depois, apontarmos como esse conceito é construído em alguns textos de Bakhtin. Veremos que o conceito enunciado se apresenta na obra desse autor, dialogando com outros conceitos formando uma concepção de linguagem comprometida não com uma “[...] tendência lingüística ou uma teoria literária, mas

com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem lingüística/discursiva” (BRAIT apud SOUZA, 2002, p. 141).

## DIVERSIDADE DO TERMO ENUNCIADO

Antes de discutirmos sobre como Bakhtin desenvolve sua teoria a respeito do enunciado e da enunciação, discutiremos algumas questões analisadas por Brait (2005). A autora aponta que os conceitos “[...] enunciado/enunciação tão largamente utilizados na área dos estudos da linguagem, estão longe de promover um consenso, apresentando ao contrário, uma grande polissemia de definições e emprego” (BRAIT, 2005, p. 62). Desse modo, enunciado e enunciação vão adquirir diferentes significados de acordo com as diferentes correntes da lingüística.

Para Brait (2005), dentro do pensamento bakhtiniano, as possibilidades de leitura dos termos enunciado, enunciado concreto, enunciação só têm sentido na articulação com outros termos, outras categorias, outras noções, outros conceitos que, mais do que a constitutiva proximidade, lhes conferem sentido específico, diferenciado se comparados a qualquer outra perspectiva teórica. Portanto, na obra bakhtiniana não se trata de contrapor teorias, julgamentos, pois, nos estudos da linguagem, há profundas diferenças entre enunciado e enunciação com conseqüências significativas para a concepção de linguagem.

Na análise que faz da diversidade do termo enunciado, Brait (2005) assinala que nos deparamos em algumas teorias com o enunciado equivalendo à frase ou as seqüências frasais. No entanto, em outras teorias, a autora nos diz que o termo aparece assumindo um ponto de vista pragmático “[...] em oposição à frase, unidade entendida como modelo, como uma seqüência de palavras organizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada *fora do contexto*” (BRAIT, 2005, p. 63). Então, o que é o enunciado, nessa perspectiva? Diz a autora então que ele seria concebido como:

[...] unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações enunciativas (BRAIT, 2005, p. 63).

Brait (2005) assinala ainda que as diferentes correntes da pragmática têm defendido o caráter extralingüístico do enunciado e apresenta Oswald Ducrot como um dos teóricos da

linguística pragmática que estabeleceu a distinção entre frase e enunciado, entre enunciado e enunciação. Assim, nas palavras de Ducrot (apud BRAIT, 2005, p. 64):

[...] para as diversas realizações, escolheremos a palavra enunciado (é o termo correspondente a token da Escola de Oxford. De acordo com essas definições, nosso primeiro exemplo comporta dois enunciados diferentes, ocorrências do mesmo enunciado-tipo, e que possuem características “históricas” (notadamente espaço-temporais) distintas. Enfim, entenderemos por enunciação o fato que constitui a produção de um enunciado, isto é, a aparição da ocorrência de um enunciado-tipo. O que eu chamo de “frase” é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o lingüista ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o lingüista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como ocorrência hic et nunc de uma frase. O que designarei por termo [enunciação] é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá depois. É esta aparição momentânea que chamo de enunciação.

Brait (2005) também aponta outras correntes da lingüística que postulam diferentes concepções de enunciado. Quanto aos estudos transfásticos, assinala que, nessa perspectiva, o enunciado é uma espécie de texto. Para a Linguística Textual, segundo a autora, enunciado se oporia a texto. Por fim, Brait (2005, p. 64) aponta que “[...] nas diferentes correntes de Análise do Discurso, especialmente as da vertente francesa, o conceito de enunciado vai aparecer, em geral, em oposição a discurso”.

## TEORIA BAKHTINIANA SOBRE ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO

As questões discutidas por Brait (2005) nos levam a concluir que o termo *enunciado* é utilizado de maneira bastante polissêmica, ou seja, seu significado vai variar, dependendo da ciência da linguagem que o utiliza. Nesse sentido, como Bakhtin conceitua enunciado? Que significado tem esse termo na teoria bakhtiniana?

Souza (2002, p. 85) no livro *Introdução à teoria do enunciado concreto* realiza o que ele chamou de uma análise diacrônica do conceito enunciado na obra do Círculo de Bakhtin/Volochinov/Medvedev. De acordo com esse autor, enunciado, na obra do círculo de Bakhtin, é um conceito estável “[...] que intercambia-se e se une a outros conceitos: palavra-enunciado, signo-enunciado, ato de fala-enunciado, obra-enunciado, texto-enunciado, discurso-enunciado, expressão-enunciado”. Nesse sentido, *enunciado/enunciação* representam um fio condutor no pensamento de Bakhtin, na medida em que esse conceito

perpassa toda a sua obra, dialogando com diferentes disciplinas que trabalham com a linguagem (lingüística, literatura, sociologia, psicologia, história e outras).

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2004) estabelece um diálogo com as diferentes acepções do termo enunciado/enunciação, produzidas pela lingüística do seu tempo e agrupadas por ele em duas correntes: o *objetivismo abstrato* e o *subjetivismo idealista*. Bakhtin (2004) analisou essas correntes, submetendo-as a uma “crítica epistemológica”, provando que realizaram uma redução da linguagem, porque criaram uma barreira à compreensão da natureza da linguagem, como um código ideológico que é construído socialmente. Nesse contexto, Bakhtin (2004) discute como essas correntes concebem a língua, apontando que elas rejeitam a natureza social da enunciação, na medida em que concebem a enunciação como um ato monológico. Dessa forma, Bakhtin (2004) interessa-se “[...] pela natureza social dos fatos lingüísticos, o que significa entender a enunciação indissolivelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BRAIT, 2005, p. 94).

Desse modo, encontramos no pensamento bakhtiniano uma concepção de linguagem fundamentada numa abordagem histórica, cultural e social. Por isso, o enunciado é apresentado por Bakhtin inserido na história, na cultura, na sociedade, isto é, a linguagem emerge a partir da vida do homem e “a enunciação é de natureza social” (BAKHTIN, 2004, p. 109). Também no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2004) defende a natureza social do enunciado, afirmando que

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social ou não, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato (BAKHTIN, 2004, p. 112).

Nesse trecho, vemos Bakhtin (2004) delineando a natureza social do enunciado que é apontado por ele como resultado da interação social entre dois indivíduos. Assim, o enunciado é construído entre indivíduos que estão inseridos em uma mesma comunidade lingüística. Os indivíduos utilizam a língua por meio de enunciados que se dirigem a um interlocutor “concreto”, ou seja, o interlocutor é alguém da comunidade social e não um interlocutor “abstrato”, distante da realidade social/concreta em que o enunciado é produzido. Para

Bakhtin (2004), mesmo os gritos de um recém-nascido são um enunciado, na medida em que há um interlocutor, no caso, a mãe que interpreta o apelo da criança.

Portanto, “[...] a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 2004, p. 113). Dessa forma, para Bakhtin (2004), é a situação que dá forma à enunciação, por isso, as enunciações enquanto unidades reais da cadeia da comunicação verbal devem ser estudadas levando em consideração o meio extraverbal e o verbal (outros enunciados). A enunciação mesmo que tomada no “[...] estágio inicial de seu desenvolvimento, ‘na alma’, não [...] mudará a essência das coisas, já que a estrutura da atividade mental é tão social como a da sua objetivação exterior” (BAKHTIN, 2004, p. 114).

O discurso interior, o enunciado interior, assume, da mesma forma que o enunciado exterior ‘um ouvinte e se orienta em sua construção em relação a esse ouvinte. O discurso interior é um tipo de produto e expressão da comunicação social como é o discurso exterior’ (SOUZA, 2002, p. 89).

## PARTICULARIDADES DO ENUNCIADO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Como mencionado, a natureza do enunciado na perspectiva bakhtiniana é eminentemente social. Nesse sentido, como o enunciado é constituído? Que elementos o integram, enquanto uma unidade da comunicação verbal? No texto Gêneros do discurso, Bakhtin (2000) assinala que

[...] a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Bakhtin (2000) evidencia, nesse trecho, que a relação entre a vida e a linguagem se dá por meio de enunciados concretos. Eles representam o “elo” entre a língua e as atividades humanas. Nesse contexto, Bakhtin (2000) apresenta alguns aspectos que compõem o enunciado concreto. Esses aspectos são “organizados”, por Souza (2002, p. 94) e baseados no texto de Bakhtin (2000), da seguinte forma:

- 1) a alternância dos sujeitos falantes;
- 2) o acabamento específico do enunciado;
  - 2.1 o tratamento exaustivo do sentido do objeto (tema);
  - 2.2 o intuito, o querer-dizer do locutor;

2.3 as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento;

3) a relação do enunciado com o próprio locutor (com o autor do enunciado), e com os outros parceiros da comunidade verbal.

O primeiro elemento ou a primeira particularidade que participa da constituição do enunciado na perspectiva bakhtiniana é a alternância dos sujeitos falantes que segundo ele, “[...] compõem o contexto do enunciado, transformando-o numa massa compacta rigorosamente circunscrita em relação aos outros enunciados vinculados a ele” (BAKHTIN, 2000, p. 298-299). A segunda particularidade do enunciado apresentada por Bakhtin é o acabamento específico do enunciado que representa:

[...] de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir ou ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o “dixi” conclusivo do locutor (BAKHTIN, 2000, p. 299).

O acabamento específico é apontado por Bakhtin (2000) como “[...] a possibilidade de responder” que é composto, segundo ele, por três critérios: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento. Bakhtin (2000) explica o tratamento exaustivo do objeto do sentido ou do tema da seguinte maneira:

[...] teoricamente, o objeto é inesgotável, porém, quando se torna tema de um enunciado (de uma obra científica, por exemplo), recebe um acabamento relativo, em condições determinadas, em função de uma dada abordagem do problema, do material, dos objetivos por atingir, ou seja desde o início ele estará dentro dos limites de um intuito definido pelo autor (BAKHTIN, 2000, p. 300).

O segundo critério que é chamado de o intuito, ou o querer dizer do locutor é apontado por Bakhtin (2000) como o elemento subjetivo do enunciado, na medida em que ocorre uma “[...] combinação com o sentido do objeto – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) verbal, marcada pelas circunstâncias individuais” (BAKHTIN, 2000, p. 300). Esses dois critérios – o tratamento do objeto de sentido (tema) e o querer dizer do locutor estão, intrinsecamente vinculados à escolha de um gênero de discurso, que é o terceiro critério descrito por Bakhtin (2000, p. 301) no trecho que segue:

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. Esse tipo de gênero existe, sobretudo, nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana (inclusive em suas áreas familiares e íntimas).

Desse modo, falta-nos discutir, a terceira particularidade constitutiva do enunciado; a relação do enunciado com o próprio locutor (com o autor do enunciado), e com os outros parceiros da comunicação verbal. De acordo com ele,

[...] o enunciado é um elo da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto de sentido. A escolha dos recursos lingüísticos e do gênero do discurso é determinada principalmente pelos problemas de execução que o objeto do sentido implica para o locutor (o autor) (BAKHTIN, 2000, p. 308).

No trecho acima, vemos Bakhtin (2000) definir o locutor como o sujeito que está “imerso” na comunicação verbal. Nesse sentido, ele escolhe os recursos lingüísticos e o gênero do discurso de acordo com o contexto da comunicação verbal que tem como centro o objeto do sentido. Nesse contexto, há também a relação do enunciado com os outros parceiros da comunicação verbal. Para Bakhtin (2000, p. 325),

[...] ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso.

Dessa maneira, o destinatário é o elemento que, no contexto da comunicação social, causa no locutor a necessidade de produção de enunciados concretos. Assim, o enunciado assumirá diferentes formas (gêneros do discurso) de acordo com o destinatário, ou seja, o enunciado se diferenciará por meio dos gêneros do discurso se estivermos falando ou escrevendo para alguém da família, para um amigo, para uma autoridade, ou para outro qualquer da comunidade.

Em suma, para Souza (2002), o enunciado/a enunciação ou o enunciado concreto é apenas um elo da comunicação verbal que se constitui como uma resposta a enunciados que o antecederam e se fará presente nos enunciados que ainda serão produzidos. O enunciado concreto é único, particular, não reiterável e é construído tendo como foco um tema específico

(objeto de sentido) através dos gêneros do discurso que são articulados pela alternância dos sujeitos falantes que participam da situação na qual ele é construído. Desse modo, o enunciado se concretiza com a manifestação do intuito discursivo desses sujeitos que integram a situação de comunicação, através de um estilo e uma entonação próprios, “[...] seja do ponto de vista do micro-diálogo ao grande-diálogo, da pequena temporalidade à grande temporalidade, movimentando o todo do enunciado concreto com seus princípios ético, sócio-ideológico, dialógico e temporal” (SOUZA, 2002, p. 140).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender os conceitos que articulam a Teoria do enunciado Concreto na perspectiva bakhtiniana implicam em entender o homem como um ser histórico, social, cultural, fenomenológico, ideológico e dialógico. Nesse sentido, a linguagem é dinâmica, pois “[...] é um produto da vida social que não é de nenhum modo congelado ou petrificado: ela está em vir a ser e, em seu desenvolvimento, ela segue a evolução social” (BAKHTIN apud SOUZA, 2002, p. 55). Portanto, a linguagem é um fenômeno social e histórico. Logo, sua essência é o acontecimento social refletido na linguagem por meio da relação verbal que é concretizada em um ou mais enunciados.

A partir da concepção de linguagem bakhtiniana, compreendemos o enunciado como eminentemente social. Por isso, ele está intimamente ligado ao dialogismo, na medida em que participa de um elo na cadeia de comunicação verbal, que só se realiza na sociedade, por meio dos homens, que se comunicam através de enunciados orais ou escritos. Nesse contexto, “[...] toda enunciação é um diálogo; faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado, todo enunciado pressupõe aqueles que o antecederam e todos os que o sucederão” (SOUZA, 1995, p. 99). As relações dialógicas, para Bakhtin, são complexas, particulares e heterogêneas e, dessa maneira, não podem ser compreendidas apenas levando em consideração as réplicas de um diálogo real. Sendo assim,

[...] dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar uma relação dialógica. Portanto as relações dialógicas são relações de sentido, quer seja no âmbito mais amplo do discurso das idéias criadas por vários autores ao longo e em espaços distintos (SOUZA, 1995, p. 100).

Além disso, não podemos perder de vista o aspecto ideológico do enunciado. Para Bakhtin, não há enunciado neutro, pois a linguagem funciona diferentemente para os diversos grupos, na medida em que diferentes materiais ideológicos, configurados discursivamente, participam do julgamento de uma dada situação. Nesse sentido, concordamos com Brait (2004, p. 97), quando diz que

Descortinar um projeto de estudo das formas de construção e produção do sentido no conjunto dos escritos bakhtinianos é uma tarefa árdua, mas não impossível uma vez que [...] o ouvido do leitor é sempre provocado por um conjunto de vozes, nem sempre harmoniosas, que apontam insistentemente para a natureza constitutivamente dialógica da linguagem.

Finalmente, acreditamos que o conjunto de vozes dos múltiplos enunciados que de algum modo participaram da construção desse texto “provocarão o ouvido do leitor” que certamente terá uma atitude responsiva perante ele, mesmo que nada diga.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. SP: Contexto, 2005. p. 61-78.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. SP: Editora Unicamp, 2005. p. 87-98.

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto**. São Paulo: Editora Humanitas, 2002.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim**. Campinas: Papirus, 1995.